

## **Uma reflexão sobre as relações femininas de poder, sustentação de branquitude e racismo na teledramaturgia<sup>1</sup>**

Marília Gabriela Gomes Fechio<sup>2</sup>  
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

### **RESUMO**

O presente artigo é um estudo acerca da representação de mulheres pretas comparada às brancas dentro de narrativas audiovisuais trazendo a força da construção imagética de estereótipos como agente central do pacto de branquitude<sup>3</sup> capaz de influenciar no poder de aprendizado e afirmação identitária do público de massa, gerando deste modo consequências de cunho sociocultural no que se refere a valorização de mulheres negras na sociedade. As referências focais que o trabalho propõe, a fim de endossar a análise e compor as pesquisas metodológicas que dão corpo ao artigo, são as personagens Ellen e Leona, interpretadas por Taís Araújo e Carolina Dieckmann respectivamente, na telenovela *Cobras e Lagartos*, reproduzida na faixa das sete pela Rede Globo, no ano de 2006. Em primeiro plano, o artigo se debruça em abordar a influência das telenovelas nos meios de consumo capazes de gerar movimento de identificação, tendo como base teórica a visão de Stuart Hall defendendo a construção das identidades através de desenvolvimento social e do campo da experiência. Outras correlações diretas são a ascensão da nova classe média como principal consumidora do mercado brasileiro, assim como a crítica social *A Negação do Brasil*, de Joel Zito Araújo (2000), que se propõe a colocar em voga os papéis atribuídos às negras e aos negros na teledramaturgia do período de 1963 até 1997, criando assim um contexto histórico coerente com o que o trabalho deseja dialogar. Em sequência, é inserido um contexto breve de personagens negras, bem como a contextualização da trama focada em Ellen e Leona. No terceiro momento, pautado na pesquisa empírica fomentada pela análise discursiva das personagens dentro da telenovela, o objetivo é questionar como o conceito proposto pela trama reforça para Leona uma status quo é tendência no mesmo nível que, para Ellen, sustenta estereótipos racistas associados à personalidade e às características/fenótipos, afirmando assim que nem sempre visibilidade é favorável a um movimento antirracista. Ademais, a conclusão amarra a defesa de que as temáticas e formas narrativas apresentadas tanto dentro do contexto como em outros pilares do cenário audiovisual, por muitas vezes, pode culminar em um papel relevante no debate que envolve questão de raça e gênero, sobretudo quando falamos do protagonismo de corpos brancos como exemplo de valor e o de corpos negros sempre associados a núcleos caricatos ou com viés de *token*, sem aprofundamento crítico e eficiente.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa de Comunicação, Tecnicidades e Cultura Urbana do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Mestranda no curso do PPGCOM Comunicação e Práticas de Consumo e pesquisadora do Grupo de Pesquisa CNPq Juvenália: questões estéticas, geracionais, raciais e de gênero na comunicação e no consumo, e-mail: [mariliaggf@gmail.com](mailto:mariliaggf@gmail.com)

<sup>3</sup> BENTO, Cida. *O pacto de branquitude*. Sueli Carneiro: ação, reflexão e memória. São Paulo: Pólen Livros, 2021.

---

**PALAVRA-CHAVE:** Racismo; Telenovela, Mulher Preta; Cobras&Lagartos

## INTRODUÇÃO

As telenovelas brasileiras têm relação direta com o imagético popular; para uma contextualização eficiente é necessário adentrar, de forma breve, na trajetória que permeia a atualização dos produtos culturais e alavancaram papéis associados às classes emergentes que, no passado, tiveram posição de preterimento e ganharam, com o tempo, ascensão e protagonismo. Em um start com teor social, é fundamental visualizarmos o como o desenvolvimento da televisão brasileira contemporânea e o paralelo com a nova classe média tem ligação direta, contribuindo para uma análise assertiva capaz de defender a ideia de que os produtos oriundos da dramaturgia brasileira podem influenciar, acompanhar e interferir em mudanças socioeconômicas. Em coerência com o diálogo proposto e a visão de Stuart Hall, dentro desse recorte, o artigo parte do conceito de que a evolução e a troca premeditada de protagonismo é fruto de uma mudança de chave para atingir determinado segmento no qual o consumidor está inserido, pelas organizações econômicas almejadas tanto dentro da indústria audiovisual quanto dentro do setor da publicidade, indústria que, por ora, seguirá somente em plano de fundo.

Segundo Hall (2005), a pós-modernidade trouxe uma mudança na forma em como as pessoas constroem suas identidades pautadas, sobretudo, no aumento da diversidade cultural e na fragmentação das tradições e valores que antes eram considerados universalmente válidos e, com o decorrer dos processos, mudanças sociais e econômicas, ganham novas perspectivas, tornando-se cada vez mais híbridas e fluídas. Partindo deste princípio, ele afirma que as identidades criadas socialmente podem surgir de meios culturais e do campo da experiência. Para tal, é importante compreender a complexidade que engloba os múltiplos aspectos como raça, gênero, classe social e orientação sexual, que interagem e fomentam as imagens e narrativas dominantes. Um ponto crucial em termos de análise é compreender o conceito de normalização de padrões de identidade que tais narrativas perpetuam, uma vez que não podemos deixar de considerar que elas são formadas através de um núcleo dominante que pode, por fim, definir determinados aspectos com valor agregado ou não.

Podemos sugerir que a normalização das identidades, portanto, refere-se ao processo pelo qual as características de uma determinada representação são consideradas como padrão ou norma, enquanto outras são vistas como desviantes ou anormais. Tal

---

normalização pode ser sutil ou explícita, mas é sempre perpetuada por instituições socioculturais, tendo o poder de moldar referências que dialoguem diretamente com as classes dominantes. É exatamente nesta linha de raciocínio que se justifica o objeto deste artigo, uma vez que estereótipos e visões limitadas são oriundas de diversos produtos que influenciam o meio, as telenovelas, por exemplo, entram como produto. É necessário ampliar as representações culturais para uma nova construção, compreensão e debate sociocultural, incluindo aqui a quebra de crenças raciais pré-definidas por grupos centrais que se atualizam conforme se entende necessário.

Dando sequência ao pilar de construção social, a esta altura, a virada de chave proposta nos fundamentos da *Nova Classe Média* também pode ser associada à evolução da teledramaturgia brasileira dos últimos 10 anos. Dentro do campo de pesquisa há um forte debate acerca do que de fato caracteriza a nova classe média, haja vista a falta de consenso no debate da comunicação. Para Pochmann (2012), por exemplo, o que ocorreu foi a comunicação e seus produtos midiáticos tomando conta do consciente coletivo da população em prol do capitalismo. Em linhas gerais, este é o fio condutor que amarra a ideia de que determinadas identidades – já naturalizadas pelos seus grupos sociais dominantes - saiam à frente no que tangibiliza o consumo e referências de valor, ou seja, tudo que ecoa fora desse viés normativo é lido como um subproduto emergente. Aqui, o papel crítico fica por conta da articulação em linhas práticas através das representações, desenvolvimento das personagens Ellen e Leona da novela *Cobras e Lagartos*, a análise de pensamento que perpetua a hierarquização das representações midiáticas mantendo mulheres negras subalternizadas em detrimento da identidade que sustenta a cadeia de valor de mulheres brancas como cerne de status e idealização. Ainda que com uma constante evolutiva, seja por motivos de desconstrução sociocultural ou necessidade pelo viés capitalista mercantil para abraçar a representatividade, trazendo protagonismo aos meios de comunicação, a mudança ocorre em passos lentos fortalecendo, em sua grande maioria – quando há visibilidade oportuna – estereótipos que corroboram com a desvalorização da mulher preta em seus ambientes de desenvolvimento.

## ARGUMENTAÇÃO

Para o ponto de partida da análise, é valoroso trazer em voga as críticas conduzidas por Joel Zito Araújo (2000) no livro "A Negação do Brasil: O negro na teledramaturgia brasileira". A obra carrega um marco notório ao abordar a representação e a presença de

---

negritude nas telenovelas nacionais, haja vista que apresenta o exame criterioso sobre a forma como a televisão retrata e perpetua estereótipos e desigualdades raciais. Vale ressaltar que o autor traz a leitura das telenovelas compreendidas entre os anos de 1963 até 1997, tendo como plano de fundo a ditadura, sem recorte de gêneros expressivos. Entretanto, apesar do corpus deste artigo explorar narrativas da década em sequência priorizando a representação da mulher preta comparada à branca, ainda se faz coerente a histórica da sub-representação da negritude nas telas brasileiras e seus impactos sociais.

Isso porque Zito, traz a luz as tendências de relegar personagens negros a papéis estereotipados, figurantes ou totalmente caricatos. A falta de diversidade e reprodução de padrões discriminatórios por ele analisados, reforçam a marginalização dos corpos dentro do entretenimento e como consequência, o que tais sensações afetam o fluxo e impacta nas crenças negativas da sociedade, destacando a influência da mídia como maior agente de percepções, atitudes e construções sócio raciais. Ainda por esse viés de raciocínio fica muito evidente o paralelo com a cultura de mídia <sup>4</sup>, conforme Kellner (1995) defende. Nestes aspectos é crível acionar o papel fundamental da cultura de mídia na formação individual e coletiva, pela qual há disseminação de valores e produção de significados na sociedade contemporânea. Podemos considerar, desta forma, a cultura de mídia além do entretenimento, classificando-a como um espaço de construção, negociação de identidades, ideologias e relações de poder.

Segundo pesquisas gerais, foi na década de 1970 que a teledramaturgia ganhou de fato um status de relevância entre a audiência e dentro do período houve atuação de corpos pretos, mas, não como protagonistas ou antagonistas, sempre em papéis irrelevantes ao desenvolvimento da trama. No folhetim Bem-Amado (1973) de Dias Gomes, há um avanço tecnológico com a chegada da cor na televisão, mesmo com uma mudança de chave em aspectos culturais e de acesso, o papel de personas pretas não deixou de ser subalterno, associado a estereótipos racistas. Outro ponto relevante que amarra bem os questionamentos que o artigo se propõe, é que nesse período há dois pontos de análise dentro do contexto das tramas; 1) a crescente apresentação de novelas de época com foco na escravidão tratando a libertação de escravos um feito heroico branco; 2) mulheres sempre associadas à violência, personificação escrachada, hiper sexualização e relevância inferior comparada às personagens brancas. Entre 1980 e 1990, Zito afirma que houve

---

<sup>4</sup> Douglas Kellner define a cultura de mídia é um conceito que engloba a interação complexa entre a mídia de massa, as práticas culturais e as formas de poder na sociedade contemporânea.

---

um crescimento exponencial de representatividade nas telas, um avanço importante. Entretanto, é essencial salientar que tal representação era pautada pela óptica da branquitude, onde as entrelinhas defendiam valores, crenças e padrões das classes dominantes, criando assim, segundo o autor, o movimento do Brasil Branco.

Pensando na evolução em desenvolvimento pautado na análise de reflexões propostas, considerar a mídia de forma crítica, questionando sua influência e os interesses comerciais e políticos por trás dela, é identificar uma crescente visibilidade de corpos pretos dentro da teledramaturgia brasileira, sobretudo considerando o recorte de gênero, tendo em vista que no processo tais espaços são incluídos como ferramenta de empoderamento e contestação das estruturas dominantes. Em suma, não há como negar os avanços sobre o tema desde a década de 60 até aqui, o que fica em questionamento é: Tal empoderamento coloca pessoas negras dentro de uma cadeia de valor ou são novos mecanismos para manutenção de estereótipos racistas, sustentando assim o pacto de branquitude<sup>5</sup>? Em qual momento se encaixa dentro do avanço das pautas raciais em destaque a partir dos anos 2000, o valor de mulheres pretas em relação às brancas? Até que ponto a evidência racial entre pessoas brancas e negras colabora de fato para uma crítica antirracista, a ponto de os valores sociais serem equalizados? São esses questionamentos que norteiam o artigo e uma conclusão pontual através do objeto de análise representado aqui pelo estudo do discurso das personagens Ellen (Taís Araújo) e Leona (Carolina Dieckmann), na novela de João Emanuel Carneiro, *Cobras & Lagartos* transmitida entre 24 de abril a 17 de novembro de 2006, contendo ao todo 179 capítulos.

## **A NOVELA E OS ESTEREÓTIPOS ENRAIZADOS**

Quando falamos do enredo de novelas estamos falando também de uma relação intensa entre realidade X ficção necessária ao debate. Um exemplo claro que conecta política, social e cultural, é a novela *A Próxima Vítima* (1995), de Silvio de Abreu, na qual existiu a representação de uma família composta por atores negros e diretamente associados à classe média. Até então, as configurações envolvendo núcleos de corpos não brancos eram apenas conectadas a classes inferiores e sem relação direta com os enredos

---

<sup>5</sup> O pacto de branquitude é um conceito desenvolvido por Cida Bento que descreve um conjunto de normas, valores e práticas que sustentam a supremacia branca na sociedade. Ela argumenta que, historicamente, a branquitude foi construída como uma posição social dominante, que garante privilégios e poder para as pessoas brancas em detrimento das pessoas negras.

---

principais. Foi ao final dos anos 90 que as representações passaram a ter novas perspectivas. Tal lembrança se faz necessária para amarrar a mudança de chave caracterizada pelo conceito da Nova Classe Média, citado anteriormente nos argumentos de Pochmann (2012). Quando a novela foi escrita, estava em ascensão no Brasil o Plano Real e com isso pessoas pretas passaram a ter um pouco mais de acesso, notoriedade, ainda que à duras penas saindo de um papel submisso ao homem branco para fazer parte do pertencimento social.

A novela, que até os dias atuais é considerada recorde de audiência, trouxe essas mudanças sociais em voga com a família encabeçada pela matriarca Fátima, interpretada por Zezé Motta, uma mulher negra secretária-executiva e mãe dedicada. O núcleo teve momentos consideráveis ao decorrer da trama, se envolvendo inclusive em pautas sérias, como a homossexualidade de um dos filhos. O autor, quando questionado, relatou que sua intenção era atender a uma justa e antiga reivindicação do movimento racial. Na época, a produção anterior *Pátria Minha* (1994) tinha sido acusada de propagar discursos racistas. Abreu, se pronunciou afirmando que suas decisões referentes a representatividade da novela não tinham relação com a polêmica envolvendo a outra trama, sua intenção era trazer um pé de igualdade com brancos, sem discriminação. A fala sobre igualdade racial colocando pretos de igual para igual com brancos, serve mais como token <sup>6</sup> do que propriamente uma discussão aprofundada que demonstre de fato um interesse na cultura antirracista, pois apaga todo o contexto que privilegia corpos brancos e desvaloriza empoderamento negro.

Os apontamentos são válidos para defender o conceito de que as novelas carregam em si um tom muito real e ditam tendências, sejam elas pelos meios de consumo ou de agência casada às mudanças sociais, criando perspectivas, crenças e imagéticos populares. A partir deste momento, é válido adentrar de forma mais direcionada nas representações de mulheres negras e seus desenvolvimentos comparados às trajetórias e contextos de personagens brancos. Ainda pegando o exemplo de Fatima, podemos visualizar sua personagem como a representação universal da mãe preta de família, que tem sempre um local de acolhimento e serventia, ainda que com condições financeiras melhores, com parceria afetiva, segue sendo vista como guerreira e arrimo do lar solitário.

---

<sup>6</sup> O termo "Token Social" é usado para descrever uma prática em que uma organização ou grupo inclui uma pessoa ou um número limitado de pessoas com características distintas para cumprir uma cota de diversidade.

Ou seja, uma crença não tão distante que personifica a base da pirâmide social. Outra exemplificação bem real foi a personagem de Márcia (Maria Ceíça) na novela de Manoel Carlos, *Por Amor* (1998). A história abordava diretamente a pauta das relações, maternidade inter racial, preterição da mulher preta e racismo. Enquanto há um valor inegável na exposição do tema, abrindo diálogo sobre solidão da mulher negra <sup>7</sup> dentro de uma relação abusiva e racismo na maternidade, vale ressaltar que em todas essas discussões, tendo como base essa personagem ou a de tantas outras, a imagem da mulher preta nunca é vista com poder de valor social e sim um tom de submissão e superação capaz de transformar tal corpo resistente à qualquer cenário, como por exemplo passar por abuso psicológico, apanhar na gravidez, sofrer racismo e ao final terminar com seu algoz, terminar de onde começou ou simplesmente morrer. Geralmente tais personagens estão associadas diretamente à mulheres brancas que ou dão o tom de branco salvador - caso de Helena ( Regina Duarte) com Márcia em *Por Amor* - ou são arquirrivais destilando discurso de ódio e racismo escancarado, aqui representados pelo personagem de Carolina Dieckmann em *Cobras & Lagartos*.

Por um pensamento ou por outro a representação da negritude, sobretudo quando falamos de mulheres, se tornou módica, pois é totalmente pautada em estereótipos. Essa questão ainda é latente nas produções onde o corpo negro é tido como indivíduo que sem ser alvo patológico de racismo, mesmo com inclusão, ainda fica muito no ar o aprofundamento de tais pautas, enquanto o reforço de padrões de branquitude se enraízam cada vez mais pela sensação de criar um “consenso” de democracia racial. E é neste ponto que iremos contextualizar a relação entre Ellen e Leona.

Em linhas gerais, a novela *Cobras & Lagartos* gira em torno do dono de uma valiosa loja de roupas, a Luxus. Omar Pasquim, não teve filhos e tem como herdeiros naturais seus sobrinhos, Tomás, Bel e Leona. Com isso, toda a trama segue nesse tom de quem vai ficar com a herança do empresário, envolvendo o núcleo dos mocinhos, todos brancos, desassociados ao interesse no dinheiro, e o dos vilões, aqui incluindo os personagens de caráter duvidosos, que indiferente de seus contextos e variações não medem esforços para conseguirem o que querem. A telenovela tem vários fatores que

---

<sup>7</sup> A solidão da mulher negra refere-se a uma experiência singular vivenciada por mulheres negras que envolve sentimentos de isolamento, exclusão e falta de conexão emocional e social. Ela se baseia na interseção das opressões enfrentadas por mulheres negras devido a sua identidade racial e de gênero.

corroboram para a análise da discussão, como por exemplo a relação problemática de Foguinho (Lázaro Ramos) com sua família, no entanto o objetivo é olhar para as construções e histórias da disputa de poder entre as personagens de maior destaque da trama.

A princípio, Leona é apresentada aos telespectadores como a principal vilã da novela, atribuída como uma mulher em decadência, falida, tendo assim interesse máximo na herança do tio. Sua personificação é de uma mulher que confere poder, integra um posição superior na loja Luxus e tem como principal referência sua imagem. O que, exceto pelo cargo de vendedora de Ellen, não deixa em pé de muitas diferenças com relação a Ellen. As duas personagens durante os capítulos desenvolvem uma rivalidade intensa passando por diversos altos e baixos, tendo confrontos norteados por falas racistas, o que ressalta a ênfase da naturalização de violências contra corpos negros. Mais do que trazer à tona a história no detalhe das personagens, o foco aqui é frisar o quanto Ellen e Leona tinham posições similares com valorização contrária, fruto de uma leitura racista latente e projetada.

### **ELLEN e LEONA - NARRATIVAS IGUAIS, VALORIZAÇÃO DIFERENTES**

Quando uma pessoa é classificada racialmente existe um composto de atributos relacionados à sua identidade, o que podemos transferir para a criação na hora de gerar enredos, personagens e materializar para o cenário audiovisual. No caso de corpos brancos as associações e atributos sempre são vinculadas ao positivo, mesmo quando há características duvidosas em seus processos. A construção social carrega a superioridade da branquitude em primeiro plano, fazendo com que ocorra uma aderência e aceitação imediata a qualquer contradição que dialogue com tais crenças. Já para a construção de crenças focadas em corpos negros, permeados por resquícios de uma herança escravocrata patriarcal, os atributos são correlacionados a negatividade, ficando implícito sistemicamente em reproduções, caracterizações e atitudes, mesmo quando a negritude está em evidência. Dentro destes processos há o constante reforço de estar em posição de poder, sustentada por classes dominantes.

"É um pacto não verbalizado, não combinado e silencioso que faz com que brancos sempre preferenciem brancos para os melhores lugares



---

sociais e se fortaleçam mutuamente nesses lugares",  
(Bento, C. (2021).  
(O pacto de branquitude. Sueli Carneiro: ação, reflexão e memória. Pólen Livros.)

Carregando para a construção de jornadas, novamente podemos considerar a visão de Hall que fala a respeito do sentido da linguagem na cultura e como isso se conecta. Representação segundo ele, é uma parte essencial no processo pelos quais os significados são produzidos e compartilhados entre pessoas que geram e movimentam os aspectos socioculturais de identificação. Neste caso temos a abordagem construtivista, que trata sobre a relação de impacto através da perspectiva semiótica e discursiva. Na primeira abordagem é considerado dar sentido através da linguagem. Como exemplificação, o conceito de Hall se enquadra na percepção de uma das falas mais recorrentes do folhetim entre as rivais, o apelido pejorativo que Leona dá para Ellen, o SUB- ELLEN, fazendo alusão direta às referências de periferia que a personagem carrega. O curioso é que na trama Ellen não é nem pobre, nem rica, é apenas uma mulher classe média que vive em um bairro normal. Se tivermos um comparativo pautado em aspectos financeiros a personagem inclusive teria condições melhores que Leona, que estava falida. Ou seja, indiretamente o autor ao incluir a fala de subúrbio como brincadeira, passa a mensagem de que a mesma tem um valor abaixo de Leona, ainda que Ellen sempre se posicione. O que se confirma ao analisar a estética de ambas. Se colocarmos Ellen e Leona frente a frente, suas referências de estilo, roupas, corte, coloração do cabelo, automaticamente são postas em cadeias de valor contrárias, ainda que apresentem as mesmas características básicas, dentro das pesquisas os diálogos enfatizam bastante essa relação.

As representações ali trazem uma linguagem de status quo. Leona diretamente associada ao poder, empoderamento, indiferente de seus trambiques e traços tóxicos, é vista socialmente como alguém pertencente àquela estética. Já Ellen, é visualizada com quem destoa do que quer apresentar, como se a sua caracterização não fosse natural, o cabelo liso, o loiro em pele negra, as vestimentas visando luxo para alguém que mora na periferia, sua forma de falar, agir e por assim não conferindo identificação. É aqui que a representação aparece, ela é produção do significado dos conceitos da nossa mente e se estende para âmbitos das relações sociais.

Já considerando o questionamento sobre a representação de mulheres negras em novelas, a visibilidade aqui concedida carrega também um viés problemático. Ellen tem

todas as características, desenvolvimento e até os mesmos cenários que Leona em termos de trajetória. Ambas tiveram seus momentos de glória e de humilhação, ostentavam autoestima elevadíssima e não permitiam sair por baixo, ou seja, no caso de Ellen, poderia muito bem ser representada como uma mulher ambiciosa pelo viés positivo, que consegue se superar, se tornar bem-sucedida e sem necessidade de rivalizar diretamente com uma mulher branca, a ponto de sofrer violências de todos os níveis. Fato interessante é que na trama o único fio que interliga as duas é o interesse no dinheiro. Não existe por exemplo uma disputa romântica, o que pode nos levar para uma visão psicológica das personagens, enquanto uma tinha um preconceito latente com pobreza, se visualizando claramente superior e incapaz de conviver com recursos baixos, a problemática da outra era simplesmente aceitação com a sua realidade de mulher preta, fazendo de sua preterição social um gatilho para agir em prol de objetivos inalcançáveis. Conferindo assim uma narrativa que desvaloriza mulheres negras colocando mulheres brancas no topo, trazendo à tona inclusive em determinados pontos da novela, a inversão de papéis de poder, no qual o oprimido passa a sentir prazer em se tornar opressor entre seus iguais, não quem o oprimiu.

Tendo tais constatações como base, já conseguimos endossar os pontos de argumentação de que apesar da visibilidade e presença, ainda existem crenças enraizadas que não trazem uma visão antirracista quando falamos de personagens pretas, as colocando sempre em uma constante exploração de posição de valor. Há diversas camadas no folhetim que podem ser analisadas pelo viés de discurso racial, na qual empodera mulheres brancas e inviabiliza as pretas. A começar pelo reforço dos privilégios de raça atribuídos ao fato de Leona, mesmo sendo na maioria das vezes grosseira com todos à sua volta, sair como modelo a ser seguido. Vamos abrir um parêntese para o fato que mulheres pretas, socialmente falando, quando apresentam qualquer atitude que saia do viés de subalternação, são automaticamente associadas como raivosas e agressivas. Além disso, a loja na qual Ellen trabalha é de alto luxo, com isso subentende-se que suas vendedoras também são coerentes com os padrões que a loja exala, uma vez que estamos falando da alta sociedade e Ellen ser a única vendedora preta do local, configurando um ponto de exceção. Tendo tudo isso em vista, a linguagem utilizada por Ellen ao longo dos capítulos - como por exemplo a expressão “bem na fita”- carrega um peso que reforça o distanciamento entre ela e este universo, confirmando assim os reforços latentes da falta

---

de pertencimento, que para concluir o raciocínio fica aparente na sensação de urgência da personagem em ser notada a qualquer custo.

A construção das narrativas apontadas até aqui já confere uma trajetória de projeção rasa para a personagem de Taís Araújo, uma vez que a importância de pares pretos ascenderem na vida por meio de seus próprios méritos, perde espaço para uma briga de cão e gato das personagens no qual Leona é a única que agrega valor a nível de referência. Ellen acaba indo por um viés altamente cômico, que estereotipa sua personagem ao longo da trama como alguém que é escrachada, não tem modos, está única e exclusivamente preocupada em ficar rica e ser aceita nos ambientes de branquitude. Apesar de sua personalidade forte, potente, acaba se perdendo na construção de uma caricatura de como mulheres negras são vistas, não gerando assim vínculo expressivo que configure inspiração enquanto personalidade, quebrando crenças e estereótipos.

Existe uma cena que fica evidente nessa posição de superioridade no papel de Carolina Dieckmann, é o momento de reviravolta de Leona em que a mesma vai trabalhar como vendedora junto com Ellen. Enquanto uma atendia a cliente, a outra observava o atendimento como quem tem posição hierárquica profissional maior. A conversa se inicia com Leona questionando o porquê Ellen deu a opção de troca do produto, mencionando que a loja não era como as lojas de baixa renda que operam com troca de mercadoria. Entre farpas existem várias expressões utilizadas pelas duas que conferem um reforço racial fortemente. Ellen chama Leona de “Loira de farmácia”, querendo insinuar que o tom de cabelo dela não é puro. Essa expressão tem uma problematização profunda, apesar de Leona nunca ter sofrido racismo, a forma colocada no discurso traz a representação do cabelo sem o poder de valor associados à branquitude, afirmando indiretamente que não há uma pureza racial. Leona, por sua vez, durante todo o discurso traz implicitamente o que pessoas pretas sofrem com o racismo, demonstrando vulnerabilidade nas posições de pessoas pretas, em suas etapas alcançadas sobretudo por mulheres. Deixando no ar o tom de ameaça às conquistas adquiridas, nada está garantido para negros e a qualquer momento o sonho pode terminar. A frase implica em um sistema racial que até os dias de hoje opera, corpos não brancos precisam se esforçar além de corpos brancos. Em uma das falas Leona afirma “quem nasceu pra ser vaso sanitário, nunca vai ser vaso de flor”. O peso desta frase encerra o embate, colocando Ellen como uma mulher pobre, negra, que

---

nunca vai ser visualizada como alguém digna a se admirar, não importa onde esteja e sua configuração sempre será merecedora de desprezo. O período em que Leona desenvolveu toque, evitando contato, pedindo que as pessoas usassem desinfetante para estar próxima a ela, também é uma boa exemplificação de como a personagem era trabalhada em cima dos padrões de pureza e limpeza acerca da sua própria raça e visão de nobreza.

Apesar dos contextos da trama serem apresentados em tons cômicos, Cobras & Lagartos sustentou muitas situações racistas. Além dos diálogos recheados de expressões problemáticas, fica evidente neles o apelo com relação à estética das personagens. Toda a discussão carrega o tom de preconceito com as características fenotípicas de Ellen, tendo inclusive uma passagem bem violenta na qual Leona arma para que o cabelo de Ellen caia, representando a ideia de uma mulher negra nunca poderia ser correlacionada dentro dos mesmos padrões de beleza da loira com características nórdicas. Essa passagem na época não foi vista como crime, mas sim como um dos momentos mais engraçados da trama, com uma Taís Araújo representando desesperada uma mulher aflita, com autoestima abalada porque paparazzis invadiram sua casa para tirar foto dela careca. Detalhe importante: a personagem estava grávida. Leona acabou com um final trágico, morrendo em um incêndio, decorrente das outras situações que o papel estava vinculado, porém ilesa de responder por seus crimes raciais despejados contra Ellen. Na época de exibição da novela a constituição já considerava a Lei do Crime Racial, porém, por se tratar de um produto cultural o debate de perpetuação de violência na tevê aberta, passou totalmente despercebido. O que completa o ciclo, já nos encaminhando para um processo de conclusão, é o fato de toda essa jornada de racismo explícito, não fez a personagem terminar melhor do que começou. Claro, o final teve um viés moral de redenção e arrependimento pelos trambiques realizados ao longo dos capítulos e sobretudo pela ideia de que os personagens mereciam não terminar bem, o que poderia muito bem ser articulado para um papel de superação e empoderamento de um casal preto em constante evolução, pautado pela ótica que seus comportamentos nocivos eram também frutos de um sistema racista que influenciaram para fixação da ascensão à todo custo. Não foi o que aconteceu, Ellen terminou a novela ao lado de quem mais maltratou, voltando para a periferia, trazendo assim uma mensagem muito representativa que indiferente dos motivos, o lugar de pessoas pretas não é no topo social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Abordar a projeção de mulheres pretas dentro da teledramaturgia brasileira em comparação às brancas é uma tarefa que consiste em questionar a todo momento os motivos pelos quais tais visibilidades estão sendo concedidas, transformando assim o objeto em uma pesquisa perene e inesgotável, uma vez que conforme a sociedade avança, novas formas de consumo, cultura e percepção também se movimentam. Apesar das exemplificações aqui citadas serem referentes à uma trama de dezessete anos atrás, colocações, diálogos, representações poderiam ser claramente dos dias atuais. As sensações transmitidas em novelas afetam diretamente as nossas relações, uma vez que a cultura, no qual a teledramaturgia se enquadra, gera produtos de consumo que são agente edificante na formação social. Existe também o lado benéfico de *Cobras & Lagartos* ter tido uma ótima aceitação pelo público em linhas gerais, Tais Araújo e Lázaro Ramos, enquanto casal, conseguiram ganhar um destaque considerável, tirando até o brilho dos protagonistas brancos, fazendo com que o ator fosse indicado ao EMMY de 2007. Ainda assim, fica o ponto de problematização, o casal teve uma ótima dinâmica em tela, o que associa novamente uma personagem preta ganhando valor apenas quando condicionada ao outro, sem uma valorização direta e individual. Aqui sem o recorte racial, talvez por se tratar de uma par negro, mas considerando sempre as lógicas de valorização patriarcais que colocam homens brancos, pretos e mulheres brancas acima do valor de mulheres pretas.

Leona de Carolina Dieckmann até hoje é citada como uma das vilãs com maior referência de estilo e estética. Na época seu cabelo platinado virou febre e grande parte da audiência que a acompanhou criou vínculo afetivo com a personagem, gerando uma relevância notória a ponto de ser sempre lembrada na atualidade. Analisando pelo ponto de vista que a personagem era totalmente racista e violenta, dá para sugerir que a comoção à favor de Ellen só não ocorreu pelo fato de ser naturalizado socialmente violências contra o corpo de mulheres negras o tempo inteiro. Dentro das pesquisas, não foi localizado nenhum personagem que atentava contra corpos negros, que tenha sofrido rejeição total por parte da audiência. Por muito menos tempo de tela, Dan Stulbach em *Mulheres Apaixonadas* (2003), atuando no papel do marido abusivo de Raquel (Helena Ranaldi), não conseguia sair de casa porque sofria agressões de fãs da personagem na rua. Doris, interpretada por Regiane Alves, na mesma novela, agredia os avós e a atriz também chegou a ser ameaçada por empatia aos personagens. Apesar destes exemplos terem um

---

cunho mais dramático e Cobras & Lagartos jogar um tom divertido para camuflar racismo, pela lógica comportamental da sociedade da época que confundia realidade com arte, Leona foi uma personagem que não deveria ser tão amada como foi. Ou ao menos, a dupla, por se tratar de duas vilas, poderiam ser reconhecidas como personagens iguais, uma à altura da outra.

Ellen, não sofreu propriamente dito uma represália mas caiu no limbo dos personagens de cunho cômico que relativizam pautas sérias. A conclusão pode ficar novamente pela visão de Douglas Kellner, que traz um ponto primordial de como a mídia posiciona a mulher negra em suas produções, suas dinâmicas de construção e manutenção de estereótipos pautados nas demandas culturais de cada fase. Seria injusto dizer que de lá para cá não houve um crescimento de protagonismo de mulheres pretas, haja vista que tivemos algumas representações importantes como a Helena em *Viver a Vida*, que apesar de ter o protagonismo apagado pela trama de Alinne Moraes como Luciana, apareceu na contramão da representação da mulher preta, pobre, sofrida e sem acesso como na maioria das vezes as mulheres pretas são retratadas, seja na posição de vilãs ou mocinhas. Entretanto também teve cenas problemáticas que despertavam submissão perante corpos brancos, como a cena que ela ajoelha na frente da personagem de Lilia Cabral para apanhar em punição a algo que nem era de sua responsabilidade. Há outro ponto de análise referente à Taís Araújo, apesar de seu talento indiscutível, que entrega poder e encantamento a cada papel, o fato de ter sido a primeira protagonista negra da teledramaturgia e ser quem mais se manteve em papéis de protagonismo às vilãs, pensando pelo viés de mídia e consumo, pode ser associado ao fato dela não destoar tanto de padrões estéticos de branquitude, seus traços por não ser tão negroides estão mais próximos da estética aceita midiaticamente para papéis de destaque, além de sua pele ter tom mais claro.

Adicionalmente, podemos concluir que tais representações influenciam os meios e impactam as audiências em seguir alimentando crenças e dinâmicas de poder. Esse processo, bem como Keller e Cida Bento defendem se debruça em apropriar de pautas raciais para favorecer grupos dominantes, fazendo as relações de poder já estabelecidas na sociedade apenas se atualizem dentro das perspectivas que atuam, o que podemos denominar de token social, que visa dar visibilidade desde que mantenha ainda assim um lugar hierarquicamente inferior na pirâmide social pautado em gênero e raça. Os diversos métodos de abordagem quando o assunto é gerar visibilidade e desencadear valor social

---

às mulheres pretas precisam começar a ser construídos considerando um caminho que vá na contramão da hierarquização de poder e subalternização. O tema proposto ainda parece muito distante de uma conclusão, ainda com as mudanças, chegada das redes sociais e atualizações em diversos aspectos sócio, cultural, educativo, as pautas envolvendo mídia, raça e recorte de gênero dentro das telenovelas precisam considerar sentimentos mais juntos, agregando valor não apenas de representação, mas sim de desconstrução, quebra de barreiras com relação às crenças e reestruturação de valor de mulheres negras na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito Almeida de. **A Negação do Brasil: O Negro na Telenovela Brasileira**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

BENTO, Cida. **O pacto de branquitude**. Sueli Carneiro: ação, reflexão e memória. São Paulo: Pólen Livros, 2021.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KELLNER, D. (2013). **Theorizing Globalization. Sociological Theory and Cultural Studies**. Paradigm Publishers.

KELLNER, D. (1995). **Media Culture: Cultural Studies, Identity, and Politics Between the Modern and the Postmodern**. Routledge.

POCHMANN, Marcio. **Nova Classe Média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2012.